

UMA TRAJETÓRIA MARCANTE DE DOIS INTELLECTUAIS SERGIPANOS: GENTIL TAVAVARES E CLODOMIR SILVA

Valdevania Freitas dos Santos Vidal
Universidade Federal de Sergipe
vaniafreita@bol.com.br

Palavras-chave: *Gentil Tavares, Clodomir Silva, Intelectuais da Educação.*

O Atheneu Sergipense

Ao tentarmos traçar a trajetória de dois estudantes de uma instituição sergipana denominada Atheneu Sergipense, é relevante descrevermos uma pequena composição sobre sua história.

O Atheneu Sergipense foi uma instituição fundada em 1870, no governo do

Tenente Coronel Francisco José Cardoso Júnior, que, movido por pensamentos reformistas, inovou o sistema da instrução pública. Manuel Luiz Azevedo d'Araújo desempenhava o cargo de Inspetor Geral da Instrução, organizando então o ensino público sergipano e elaborando o Regulamento Orgânico da Instrução Pública de Sergipe, assinado em 24 de Outubro de 1870 (ALVES, 2005, p.41).

A instalação, inauguração e abertura deste estabelecimento ocorreu em 3 fevereiro de 1871, com a implantação dos cursos de Humanidade e o Normal, em que “foram educados muitos jovens que, mais tarde, se tornaram homens notáveis na vida pública” (ALVES, 2005, p.5), tendo como uma singularidade precisamente a existência concomitante desses dois cursos

idealizado por Manuel Luiz, defensor da necessidade de centralizar as aulas de Humanidades e as do curso Normal em um só “estabelecimento publico de lingua e sciencias preparatórios”, com professores lecionando ao mesmo tempo nos dois cursos, em horários estabelecidos para funcionarem as cadeiras em dias alternados (ALVES, 2006, p.60).

Segundo Alves (2005), o Atheneu Sergipense tinha como finalidade, além de implantar simultaneamente esses dois cursos, proporcionar à “mocidade a instrução necessaria e sufficiente, assim para a matricula nos cursos superiores da Republica, como em geral para o bom desempenho das funções dos cidadãos sergipanos na vida social” (ALVES, 2005, p.83).

Ou seja, o Colégio Atheneu Sergipense buscava como principal estratégia no curso de Humanidade estabelecer a instrução necessária para o ingresso de muitos jovens aos “cursos superiores, ministrando as cadeiras exigidas nos Exames de

Preparatórios, bem como formar indivíduos que pudessem desempenhar funções variadas na sociedade” (ALVES, 2005, p.83).

Esta era uma das missões do Atheneu Sergipense, oferecer oportunidades a jovens sergipanos das mais diversas classes sociais para que não se deslocassem precocemente em busca de formação para, mais tarde se tornarem “intelectuais de renome.”

Assim, constata-se que foi neste estabelecimento que Gentil Tavares e Clodomir Silva conseguiram dar seus primeiros passos para que mais tarde pudessem se destacar na carreira profissional nos vários setores por onde atuaram. Mas além destes, muitos outros estudantes também ganharam destaque como nos mostra Alves (2005).

Outros alunos do Atheneu Sergipense “que em Sergipe ou fora dele derramaram a flux as cintilações de seu espírito” são destacados por Lima (1948), tais como: João Ribeiro, Maximinino Maciel, José Rodrigues da Costa Dórea, Gilberto Amado, Manuel Bomfim, Jackson de Figueiredo, Gracho Cardoso, Aníbal Freire, Dias de Barros, Clodomir de Souza e Silva, Espiridião Monteiro, Felisbello Freire, Manuel dos Passos de Oliveira Telles, Francisco Carvalho Lima Junior, Gamaliel Mendonça, Gentil Tavares da Mota, Hunald Cardoso, Barreto Filho, José Calazans, dentre tantos outros não citados. Foi no Atheneu Sergipense “que essa revoada de inteligências enrijou as penas para os grandes vôos e as migrações vitoriosa” (Lima, 1948, p.28), destacando, outrossim, Sergipe no cenário nacional (ALVES, 2005, p.75).

Entretanto foi através do Atheneu Sergipense, onde muitas figuras ilustres passaram que procuraremos compreender um jornal estudantil mediante o olhar de seus produtores, em especial a visão desses alunos que por seus corredores trilharam.

Gentil Tavares da Mota: do Atheneu Sergipense para uma nova trajetória como intelectual sergipano

Foi no Atheneu Sergipense que Gentil Tavares conseguiu consolidar seus estudos ingressando no curso de Humanidade. Fundando mais tarde no período em que foi aluno de preparatório o Jornal “*O Nocydalus*”, “orgam defensor dos interesses dos estudantes do Atheneu Sergipense” (GUARANÁ, 1925, p.104). E produzido pela colaboração quase exclusiva dos seus alunos.

Segundo Guaraná (1925) foi ainda enquanto estudante desta Instituição professor de línguas do “*Esperanta Klobo*¹” de Aracaju, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e vice-presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo.²

A prática de aprender ensinando é mostrada por Alves (2005) em seu estudo “*O Atheneu Sergipense: traços de uma história*”, quando menciona que os alunos do Atheneu Sergipense, “sequiosos por aprender ensinando, fundaram em 1898 a Sociedade Grêmio Tobias Barreto, onde ministravam aulas noturnas gratuitas para adultos atrasados, desejosos de recuperar o tempo perdido” (ALVES, 2005, p.75).

Isso nos faz crer que, assim como Gentil Tavares, muitos outros que junto com ele escreviam no jornal *O Nocydalus*, já expressavam este sentimento de apoio social para a instrução da população e assim se tornassem indivíduos letrados, no caminho para atingir o progresso desejado.

Em 1911, afasta-se da instituição em função do término do seu curso, formando-se Bacharel em Ciências e Letras. Alves (2005) faz menção a esse fato

quando ressalta dizendo que “[...] um grande acontecimento nesse período foi a diplomação com o grau de “Bacharel em Ciências e Letras” do primeiro estudante do Atheneu Sergipense, o senhor Gentil Tavares da Motta, em 22 de março de 1911” (2005, p.11).

A colação de grau de Gentil Tavares foi divulgada por jornais locais, que descreveram todo o cerimonial, inclusive a participação de uma banda de música policial que tocou durante todo o ato, e de todos os presentes, dando destaque a “presença do Presidente do Estado, José Rodrigues da Costa Dórea, o Delegado Fiscal, Helvécio de Andrade, o Diretor do Atheneu, Cândido Costa Pinto e demais membros da congregação do Atheneu Sergipense e da Escola Normal” (ALVES, 2005, p.99).

Realizou-se ante-hontem, a 1 hora da tarde, no Atheneu Sergipense, a collação de grau de bacharel em ciencias e letras, nosso talentoso conterraneo Gentil Tavares da Motta, sendo presente ao acto o corpo docente e discente do mesmo estabelecimento a da Escola Normal, professores, senhoras e senhoritas e muitos cavalheiros de nossa elite social. [...] Aberta a sessão foi convidado o bacharelendo Gentil Tavares a comparecer presente os examinadores.

Nesta ocasião S. Ex. levantou-se e acompanhado por todos disse conferir ao nosso estimavel patricio, de accordo com a lei, o diploma de bacharel em ciencias e letras, convidando-o a prestar o compromisso do estylo.

Dada a palavra ao joven bacharel, leu este brilhante discurso que muito agradou.

Em seguida occupou a tribuna o illustre professor Bricio Cardoso, paranympho do joven bacharel e produziu bellissimo discurso (CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 24 de Março de 1911, p.2).

Alves (2005) demonstra em seus estudos o discurso pronunciado pelo diplomado, que assumiu o seguinte compromisso no decorrer desta solenidade:

Prometto, quanto em mim couber, concorrer para o adiantamento das letras, cujo grao de Bacharel acaba de me ser conferido, e contribuir para o constante engrandecimento das letras do Brazil. (Livro das Festividades do Atheneu Sergipense, 1908 a 1935). Aos intervalos dos discursos do jovem bacharel, que fez apologia ao sistema serial e ao curso de madureza, do paraninfo, o professor Brício Cardoso e do Presidente do Estado, ouviram-se músicas tocadas pelo batalhão da Polícia Militar, terminando a solenidade festiva com o Hino Sergipano (ALVES, 2005, p. 99-100).

Gentil Tavares após formar-se não se afastou apenas do Atheneu Sergipense, mas também do jornal “*O Necdalus*,” dando sua última contribuição em 25 de Agosto de 1910, onde deixou expressas suas justificativas sobre os motivos de sua saída da redação, a sua admiração por seu substituto para ocupar a redação deste periódico e as palavras de despedidas a todos os colegas que o ajudaram a produzir este jornal.

Motivos justos me fazem deixar, hoje, a redação deste jornal, que fica entrega ao meu collega e bom amigo Clodomir Silva, o mais intelligente dos moços sergipanos de sua idade.

E como seja uma verdade incontestável o que acabo de dizer, o *Necdalus* só terá com isto a lucrar, bem como o povo, que muito gostosamente o auxiliará, vendo transparecer mais nitidamente na

alvura de neve de suas pginas reflexos de intelligencia e lampejos de illutração.

Com os meus collegas e companheiros, aos quaes serei eternamente grato pela consideração que sempre me dispensaram, já me entendi, e ao publico nada posso adiantar para explicar a minha retirada, que não foi por desavenças nem por queixas, mas pelo acarretamento de affazeres, e, antes e acima de tudo, por ter de em breve me ausentar-me daqui. Seria mesmo abusar da sua paciência, si quizesse analysar uma por uma todas estas razões e muitas outras, que me não permittem continuar no logar honroso, que immerecidamente occupei até hoje, entre tantos collegas de intelligencias superiores e felizes. Não é de agora que se me fez necessário o deixar esta redação; mas só então, que os meus collegas se acham com animo para trabalhar, me foi possível fazel-o, embora com pesar. (O NECYDALUS. Aracaju. 25 de Agosto de 1910, nº43, Anno II, p.1).

Em suas escritas, deixa transparecer, mais uma vez, que o jornal vinha a muito sofrendo dificuldades, daí o desânimo de muitos dos seus colaboradores em continuar a produzi-lo, sendo este um dos motivos que diferiu seu afastamento. Este acontecimento foi noticiado por outros jornais locais, a exemplo do jornal *Correio de Aracaju*. O que nos mostra que sua saída repercutiu em outros espaços.

O nosso distincto amigo Gentil Tavares da Motta, sexto annista do Atheneu Sergipense, deixou, a 25 do presente, a redação do nosso colleguinha, cujo nome serve de titulo a esta noticia.

Esse lugar ficou occupado pelo intelligente quarto annista do mesmo Atheneu Clodomir Silva (CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 28 de Agosto de 1910, p.1).

O jornal *O Neczydalus* foi a primeira escola prática que Gentil Tavares e Clodomir Silva experimentaram nos espaços internos do Atheneu Sergipense, o quê possibilitou para estes alunos, através deste mecanismo, conseguir ingressar em novos caminhos, colhendo novos frutos na sua trajetória profissional.

É importante mencionar que *O Neczydalus* não foi o único jornal a ser produzido no Atheneu Sergipense, há indícios de outros números que também foram criados nesta instituição, entre tais jornais foi possível à localização de mais dois tablóides. O Porvir³ (1874) e O Atheneu (1906).

Gentil Tavares após o término do curso de Humanidade passou a dar continuidade aos seus estudos fora do território sergipano. Segundo Nunes (1984),

a clientela que buscava o curso de Humanidades era constituída, em sua quase totalidade, dos filhos da burguesia latifúndio-mercantilista, que nele viam um trampolim de acesso às Academias do Império. Desse modo só lhe interessava o estudo das disciplinas exigidas para nelas terem ingresso, e que iam cursar diretamente nas cidades onde exista o curso superior escolhido (NUNES, 1984, p.114).

Assim como foi para muitos estudantes, também não foi diferente para Gentil Tavares, pertencente a uma família abastada, sendo filho do Capitão João Tavares da Mota, viajou para região baiana dando início ao curso de “engenharia civil na Escola Polytechnica da Bahia, onde recebeu o gráo a 1º de Janeiro de 1917” (GUARANÁ, 1925, p.104), conseguindo assim sua formação.

Como nos mostra Thétis Nunes (1984), muitos alunos de famílias abastadas terminavam seus cursos e direcionavam-se a outros estados para prestarem o curso superior. Este foi o caso de Gentil Tavares e de outros que se deslocaram do território sergipano a fim de se especializarem em estados como: Pernambuco, Bahia⁴, Rio de Janeiro e São Paulo.

Souza (2001) faz uso das idéias de Prado Sampaio Leite em seu estudo, mostrando que o estado ainda não tinha meios para “consagrar os gênios locais, em virtude da inexistência de um público cultivado, de uma imprensa vigorosa, de uma biblioteca opulenta e de um sistema de ensino renovado” (2001 p17). Por esse motivo, muitos sergipanos viam-se obrigados a emigrar em busca de prestígio em distantes estados mais desenvolvidos.

Mesmo afastado para os estudos, Gentil continuou atuando em várias outras ocupações, em que

serviu no lugar de ajudante-secretario da Directoria de Obras Publicas, por nomeação de 24 de novembro de 1914, exonerado em 1916 por ter sido nomeado, por decreto de 24 de julho, para reger a cadeira de geometria descritiva, principios geraese pratica de agrimensura do Atheneu Sergipense, postol em disponibilidade a 15 de Abril de 1921. (GUARANÁ, 1925, p.104)

Segundo Alves (2005), “o curso Integral de seis anos conferia ao aluno o diploma de Bacharel em Ciências e Letras, dando-lhe o direito de nomeação para qualquer emprego público dependente de concurso, sem essa formalidade” (ALVES, 2005, p.101). Nunes (1984), também faz ênfase a essa questão e diz que:

O aluno que concluísse o curso e, no prazo de 30 dias, apresentasse uma dissertação sobre um ponto de alguma matéria escolhida pela Congregação, e o defendesse oralmente, receberia o título de Bacharel em Letras. Este daria ao portador o direito de preferência a qualquer emprego público na Província, independente de concurso inclusive pra o provimento dos cargos de professor do Liceu (NUNES, 1984, p.146).

Tal procedimento permite constatar que os portadores de títulos superiores continuaram tendo acesso a algumas profissões em “especial a cargos isolados, independentemente de concurso público de provas, cristalizando a clivagem decisiva entre dois segmentos do corpo funcional de carreira” (MICELI, 2001, p.204).

Ao contrário da maioria dos intelectuais da época regressou para Sergipe dando continuidade a sua trajetória profissional após o término do seu curso feito na Bahia.

Por acto de 20 de Março de 1918 foi designado para servir em comissão no cargo de Director da Imprensa Official do Estado, sendo exonerado a pedido em 16 de Maio de 1922. Fez parte de Conselho superior do Ensino, como supplente, nomeado pro dois biennios a 17 de Dezembro de 1918 e em Dezembro de 1920 (GUARANÁ, 1925, p.104).

A trajetória cronológica de Gentil Tavares vem reafirma o que Miceli (2001), vem discutindo em seus estudos sobre a intelectualidade brasileira, quando nos afirma que a distinção da esfera política e do campo de produção ideológica tornara praticamente irrealizável a passagem quase automática da posição de estudante à categoria de membro integral da “classe dirigente, que, pelo simples fato de possuir um

diploma, até então raro e cobiçado, se fazia merecedor das mais altas funções públicas e dos cargos políticos de responsabilidade, afazeres que se completavam com a gestão dos negócios familiares” (2001, p.93).

Gentil Tavares, assim como muitos outros intelectuais de capital social⁵ e cultural elevado, em função da postura que possuíam no interior do espaço social, acabava sendo nomeado a cargos no aparelho estatal de acordo com suas formações. No caso dos bacharéis, estes eram escolhidos por seus protegidos para exercerem funções como “a procuradoria, a promotoria e a judicatura, quanto para preencherem cargos como a Chefia de Polícia, a Inspetoria e a Diretoria de Instrução, a diretoria de bancos e a Intendência Municipal” (SOUZA, 2001, p.158).

Embora a expansão da atividade editorial e a ampliação das oportunidades de ingresso no serviço público tenham influído de modo considerável para a transformação das condições do trabalho intelectual vigentes na República Velha, as possibilidades de acesso às profissões intelectuais continuam a depender, em medida significativa, das estratégias de reconversão das famílias que estão em condições de transmitir aos filhos um certo montante de capital social e cultural, variável conforme o grau de proximidade entre essas famílias e a fração da classe dominante. (MICELI, 2001, p.81)

Ainda como estudante do Atheneu Sergipense, Gentil Tavares já demonstrava desempenho para atuar no campo jornalístico, conseguindo anos depois redigir e dirigir vários jornais que circulavam na sociedade sergipana no período de 1918 a 1922, entre eles é possível destacar: “*O Estado de Sergipe*” (órgão oficial do Governo do Estado), o “*Diário Oficial*” e o “*Correio de Aracaju*”.

Segundo Guraraná (1925), Gentil “tem collaborado em diversos jornaes e revistas de Sergipe e dos outros Estados da Republica e vem usando na imprensa dois pseudonymos A. Moreira e Sylvio Silva” (GUARANÁ, 1925, p.104).

É necessário destacar que Gentil Tavares não atuou apenas no campo jornalístico e educacional, este intelectual sergipano também, aventurou-se no campo da política sendo

eleito a 22 de Agosto de 1922 para desempenhar o mandato de deputado federal na vaga aberta com a saída do Dr. Graccho Cardoso para o Senado, após o falecimento do General Oliveira Valladão. Finda a legislatura foi reeleito para a que se seguiu, de 1924 a 1926. Exerceu antes o mandato de deputado estadual, eleito em 23 de Junho de 1918 para concluir a legislatura de 1917 a 1919, finda a qual foi reeleito para a de 1920 a 1922 (GUARANÁ, 1925, p.104).

A escolha de Gentil Tavares para substituir Graccho Cardoso na Câmara Federal foi decidida no dia 08 de julho de 1922 pela Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador, composta pelos membros: José Antonio de Lemos, Gonçalo Diniz de Faro Dantas, Sebastião da Fonseca Andrade, Jovinião Joaquim de Carvalho, Orestes de Souza Andrade, Manuel Corrêa Dantas, Antonio do Prado Franco e Antonio Baptista Bittencourt. Tal acontecimento foi noticiado pela imprensa local.

No dia 20 de agosto próximo vindouro, proceder-se-á à eleição para o preenchimento da vaga que se verificou na representação sergipana, na Camara Federal, com o reconhecimento a senador do deputado Mauricio Graccho Cardoso, em maio do corrente anno.

Para preencher esse claro, a Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador de Sergipe abaixo assignado, reunido no palacete da Assembléa Legislativa do Estado, às 20 horas, do dia oito deste, resolvem indicar, por unanimidade de votos, o illustre e operoso correligionario dr. Gentil Tavares da Motta, nome assás conhecido nas fileiras do nosso partido, nestes últimos tempos, e o fez não só attedendo aos seus prestantes e inteligentes serviços à nossa causa política, mas ainda por convergirem sobre a sua victoriosa personalidade, no actual momento, as vistas dos que têm responsabilidades definidas no seio da nossa pujante organização partidária (CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 14 de julho de 1922, p.2).

Assim, compreende-se que o aluno do curso de Humanidade do Atheneu Sergipense, Gentil Tavares da Mota, conseguiu através dos seus estudos (capital cultural), destacar-se enquanto intelectual sergipano pelas suas funções, ocupações e pelas boas relações que possuía com as classes dirigentes (capital social), alcançando assim êxito na sua trajetória profissional.

Clodomir Silva: um estudante e intelectual do atheneu sergipense

Ao contrário de Gentil, Clodomir de Souza e Silva, não descendendo de pais “abastados cedo teve de enfrentar as duras realidades da lucta pela vida. Norteou a sua actividade para as caixas typographicas e dahi passou ao jornalismo a que se consagrou” (GUARANÁ, 1925, p.54).

“Estudou preparatorios no “Atheneu Sergipense”, estabelecimento que deixou de freqüentar no quinto anno, depois da reforma “Rivadavia” que estabeleceu os exames de vestibulares nas escolas superiores” (GUARANÁ, 1925, p, 54).

Feito os exames preparatórios, ingressou no curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade de Recife, onde bacharelou-se. Depois de formado, veio residir em Aracaju, sendo professor, jornalista, escritor, folclorista, orador e advogado (REVISTA DE ARACAJU, 2003, p.279).

Ao se tornar jornalista profissional foi nomeado redator de vários outros periódicos literários e humorísticos, entre os quais podemos destacar: “O Tagarella, A Rua, A Trombeta, O Espiao, Vida Sergipana, Heliantho, e A Semana. Tem usado na imprensa os pseudonyms Essielle e João das Cubas” (GUARANÁ, 1925, p, 54).

A atuação em jornais, segundo Thétis Nunes (1984), ajudavam muitos intelectuais sergipanos a darem seus primeiros passos na vida profissional. Cita como exemplo neste caso o jornal “O Século XX”, que circulou de 1916 a 1920, na vida cultural sergipana e que segundo a autora,

projetou muitos jovens intelectuais iniciantes, Passos Cabral, Péricles Barreto, Pe. José Augusto da Rocha Lima, Orlando Dantas, ao lado de outros já firmados como Carvalho Lima Junior, Deodato Maia, Garcia Rosa, Arthur Fortes, Clodomir Silva, Ítala Silva de Oliveira (NUNES, 1984, p.235).

Apesar de já se apresentar firmado no jornalismo, Clodomir Silva buscava como complemento para sua subsistência o magistério, dando aulas particulares de português e de outras matérias “cujos conhecimentos ia adquirindo, suprir a escassez dos proventos que lhe dava a imprensa” (GUARANÁ, 1925, p. 54). Conseguindo assumir assim, a função de “redactor-secretario do jornal official do Estado “O Estado de Sergipe”, cabendo-lhe, neste caráter, occupar interinamente o lugar de director por espaço de um anno” (GUARANÁ, 1925, p. 54).

A função de educador ainda manteve-se presente em sua vida, chegando a ser nomeado, em 30 de Março de 1918, “professor adjuncto da cadeira de portuguez do Atheneu Sergipense, sendo depois designado para ter exercido na escola de commercio “Conselheiro Orlando””⁶ (GUARANÁ, 1925, p. 54-55).

Neste mesmo ano (1918), Clodomir Silva consegue permissão para advogar na cidade de Aracaju, Laranjeiras e Maruim após aprovação em concurso público.

Clodomir de Souza e Silva, sergipano de Aracaju onde reside e tem função, achando-se comprehendido na condição do artigo 9 do Capitulo I do Titulo I, I Livro do Codigo Civil e no dispositivo no art. 190 do Cód. Da Organização Judiciária do Estado, vem mui respeitosamente pedir-vos lhe concedaes provisão para advogar nas comarcas de Aracaju, Laranjeiras e Maroim, por 4 anos.

Como prova de suas allegações, offerece certidão-de-idade, folha-corrída e o comprovante de ter sido approved em Português em um concurso publico (Provisão de Advogado, 1918. Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Arquivo Geral do Judiciário).

Ainda como advogado, atuou no município de São Cristóvão gratuitamente, o que mostra seu espírito de solidariedade para como os menos abastados, e do homem público que, embora dotado de alto nível intelectual, nunca se absteve de colaborar com a comunidade sergipana, que reunia os mais diversos “grupos sociais, raciais e religiosos.”

No meio jornalístico, Clodomir Silva deixou registrado em vários jornais sergipanos seus discursos, poesias e homenagens. Entre várias delas podemos mencionar uma nota referente a um discurso pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe sobre o descobrimento do Brasil, Instituição da qual também foi sócio.

Realizou-se ante-ontem às 17 horas, na sede do Instituto Histórico, a sessão extraordinária comemorativa do descobrimento do Brasil.

Com assistencia de grande numero de sócios e sob a presidência do exm. sr. General Oliveira Valladão, Presidente honorário do Instituto, foi aberta a magna sessão.

O sr. 1º secretario leu, assignada por muitos sócios, uma moção de appiausos à attitude pacífica e sensata do sr. Presidente da Republica e do sr. Presidente do Estado, no momento actual por que atravessa o Brasil. [...]

Por fim, assonou a tribuna o ilustre conferencista, Clodomir Silva, que por espaço de 40 minutos dissertou brilhantemente sobre a data do descobrimento do Brasil, sendo applaudido por todo o auditório (O ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 5 de maio de 1917, p.1).

Um outro fato marcante da trajetória feita por Clodomir Silva foi a sua entrada para a maçonaria em 1917, aos 25 anos de idade, “o que podia, à época, ser considerado muito jovem para as responsabilidades na Loja Capitular Cotinguiba, a

mais antiga de Sergipe, funcionando desde 1872” (BARRETO, 2007, p.194). Sergipe teve como pioneira a loja maçônica “Segredo e Amizade.”

Clodomir Silva que se dizia livre, em matéria de religião, passou a receber as condições maçônicas, sendo avaliado e indicado positivamente pelos membros da maçonaria, onde conviveu com grandes amigos e companheiros, a exemplo de Manoel Passos de Oliveira Teles, Artur Fortes, Epifânio Dória entre tantos outros. Ainda jovem, chegou a grau máximo de número 33 REAA – Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito.

Em homenagem a morte de Clodomir Silva, alguns membros da Maçonaria Loja Capitular Cotinguiba, criaram a Loja Simbólica Clodomir Silva, em 29 de novembro de 1957, que após funcionar na Avenida João Ribeiro e em outras localidades, passou a ter sua sede própria localizada no Largo da Estação Rodoviária Governador Luiz Garcia.

De acordo com Martins (2006), no Brasil, anterior a República, inúmeros panfletos se espalhavam pelas cidades com propostas republicanas, em campanha orquestrada – em geral presidida por membros das Lojas Maçônicas – propagavam as Luzes, veiculavam a “criação de escolas de primeiras letras, escolas noturnos para alfabetização de adultos e escravos, bibliotecas populares e pregavam a República, como tentativas preliminares de construção de cidadão” (2006, p.31).

Décadas depois, os ideais permanecem os mesmos entre muitos homens que nesta terra habitaram. Clodomir, assim como muitos deles, deixou expressos esses desejos desde a juventude, quando ainda era estudante do Atheneu Sergipense. Expressando, em seus escritos, o desejo pela instrução e pela civilização do homem e o progresso de seu Estado. Talvez seja este o motivo que o fez tornar-se Orador da Liga Sergipense contra o Analfabetismo.

Clodomir Silva, mesmo tendo êxito no campo profissional, nunca deixou sua terra natal, onde nela permaneceu até sua morte, sem esconder o amor e admiração que por ela sentia.

Parallelamente, Aracajú se firmou pallida rainha dos paúes, hoje radiosa e bella.

E assim é que eu a saúdo, é assim que eu a idolatro, minha terra, meu encanto.

Adoro-a na sua carreira alva e iluminada; no seu casario symetrico; na lâmina suave do rio Sergipe beijando-a docemente. Seu luar de blandícias, suas noites magníficas, em que alma proucura pousos novos porque a transporta o enlevo argentino da lua.

Minha terra, meu encanto; attrahente local onde surgi para a vida e onde defluiu minha primeira infância, terra em que repousam as cinzas amadas de meus paes e de ermaos meus, terra daquela que me será companheira, amo-te e quero-te anseio-te esplendendo e rebrilhando ao sol formoso de teu céu, grande e glorificado.

[...]

Vivas minha terra, no apogeu da melhor ventura; e meu desejo vibrante é que seja um dia, rainha egrégia, a perola do rincão deste Norte soberbo.

Salve, princeza de Sergipe. (Clodomir de Souza e Silva. In: Estado de Sergipe. Aracaju, Domingo, 17 de Março de 1918, p.2)

Mesmo tendo um grande destaque no campo jornalístico, sendo redator e diretor de vários jornais sergipanos, Clodomir Silva, também deu o ar de sua graça no setor político, conseguindo ser eleito para a legislatura de 1920 a 1922, como Deputado Estadual. “Este mandato de deputado lhe foi renovado para a legislatura de 1923 a 1925,

no primeiro anno da legislatura de 1920 a 1922 foi eleito segundo secretario da mesa” (GUARANÁ, 1925, p.55). Neste mesmo período foi nomeado membro substituto do Conselho Superior de Ensino, mas não assume para não perder o mandato de deputado que exercia.

Depois de uma carreira promissora, Clodomir de Souza e Silva faleceu, precocemente, em 10 de agosto de 1932, vitimado pela febre tifóide, aos 40 anos de idade. Deixando a sua esposa, Ana Araújo de Souza e Silva, na época professora do Instituto Coelho e Campos e oito filhos (Atma, Aperipê, Antônio Clodomir, Agnes A. Araújo, Argemira, Airaê, Ana Marcionila e Maria de Souza). Os nomes dos seus filhos demonstram o sentimento de nativismo que Clodomir Silva possuía.

Ficou como legado duas importantes obras para os sergipanos conhecerem um pouco mais a história de sua terra. A primeira obra escrita por Clodomir Silva foi *Álbum de Sergipe*, publicada em 24 de Outubro de 1920, por ocasião da comemoração do primeiro centenário da Emancipação Política de Sergipe, livro que se tornou referência para os estudos sergipanos.

Clodomir compreendia seu trabalho como um estudo que “destinado a atestar o gráo de desenvolvimento de um povo, não poderia, bem se vê, ter começo quase que ao léo das informações, sem a escrupulosa preparação e o estudo que se faziam necessários” (SILVA, 1920). Nos escritos do jornal *O Necydalus*, já manifestava esse desejo pela existência de uma obra dessa estirpe.

É digna dos maiores entusiasmos a idéia da publicação do Album Descritivo Sergipano.

Conhecido como é este systema de publicação, e sabida as vantagens que offerece ao desenvolvimento de um Estado, certo não se furtarão os sergipanos de contribuir com grande copia dos contingentes riquissimos de que dispôs o nosso pequenino Estado.

Um album é um livro que contem photographias de grande numero dos melhores pontos do Estado, dados estatísticos que permittirão calcular sua situação economia resenha historia de sua vida politica, de seus filhos illutres, extinctos e vivos, noções de sua Constituição, e producções dos poetas e escriptores contemporâneos; e que, não no Estado cuja descripção contém, mas em todos os logares onde tem pouco conhecimento da vida das outras partes da Federação, e no estrangeiro, é que elle produzirá seus effeitos beneficios e propagadores, resumindo o que acerca de sua entidade se pode pensar de progresso e de vida regulada.

Sergipe nunca teve suas riquezas, sua cultura e seu modo de viver propagados em parte alguma. Fora d’aquí nada se conhece do seu passado historico e a não serem nomes destacados de filhos illustrados litteratura sergipana é conhecida somente dentro do Estado.

Portanto, prestaremos os esforços de que dispomos a tão util e tão patriótica idea (NECYDALUS, Aracaju, 21 de Setembro de 1910, nº47, Anno II, p.1).

Anos depois, recebeu a missão do Presidente do Estado, Pereira Lobo, para elaborar um livro especial, histórico e geográfico sobre o Estado. Era uma tarefa intensa e grandiosa, portanto adequada ao perfil e ao antigo sonho desse intelectual, que com o auxilio de um fotógrafo paulista do jornal *O Estado de São Paulo*, conseguiu registrar imagens inéditas de Sergipe. Após levantamento de informações sobre os municípios sergipanos, conseguiu concretizar uma obra robusta e atualizada para a época, totalmente documentada e fotografada.

O *Álbum de Sergipe* foi editado nas oficinas do jornal *O Estado de São Paulo*, com sua “bela encadernação, sua fantástica ilustração, tem sido desde 1920, uma obra obrigatória de consulta, também pela farta documentação apensada, pelo tratamento, muitas vezes original, dado aos temas estudados” (BARRETO, 2007, p.190).

Uma outra obra sua chama-se “*Minha Gente*”, uma catalogação de todos os textos apresentados em conferências, na sua grande maioria, referentes às questões folclóricas, que foram publicados nos jornais de Aracaju, e após junção de outros registros foi possível sua publicação, em 1926, sob o mando do Presidente Graccho Cardoso, sendo impresso pela Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & Cia, do Rio de Janeiro.⁷ A iniciativa de Clodomir foi vista por Barreto (2007) como uma continuidade a contribuição popular sergipana, iniciada por Sílvio Romero, nos anos oitenta do século XIX.

Clodomir Silva, mesmo não sendo originário de uma família abastada, conseguiu através de seus estudos ingressar no campo intelectual sendo aceito por todos como um homem ilustre e digno de reconhecimento pelos seus feitos e suas obras, seja no campo político, educacional ou cultural.

Considerações Finais

Ao traçarmos a vida de dois estudantes de uma instituição denominada Atheneu Sergipense, foi possível compreender como estes dois moços conseguiram trilhar brilhantes caminhos, mesmos sendo de famílias com status diferentes ambos tiveram êxitos nas suas carreiras enquanto profissionais, por terem assim como muitos outros que passaram por esta instituição, se utilizado do poder do conhecimento e das relações sociais dentro de setor cultural e político. Ou seja, tanto Clodomir Silva quanto Gentil Tavares, souberam fazer usufruto do capital cultural e social para prosperarem em direção aos grandes vãos no mundo do intelecto sergipano, se tornando verdadeiros nomes que marcaram a sociedade sergipana, sendo hoje reconhecidos pelos seus feitos.

Notas:

¹ Fundado pelo professor de Inglês do Atheneu Sergipense, Alcibiades Paes, nos primeiros anos do século XX, tinha como objetivo oferecer curso noturno aos trabalhadores que não tinham como estudar durante o dia. Essa instituição que tinha como “professores moços de nossa terra [...] vem preencher uma lacuna lastimável em nosso meio, onde a instrução não tem ainda a necessária força para progredir, e onde nenhum outro curso noturno amenisa o analfabetismo” (O NECYDALUS, 22 de Julho de 1910, nº39, Anno II, p.1).

² A Liga Sergipense contra o Analfabetismo foi fundada em 24 de Setembro de 1916, visando segundo Nunes (1984), especialmente a alfabetização de adultos. Sua primeira, lecionada pela professora Ítala Silva de Oliveira, era mista. Em 1920, Sergipe contava com 8 escolas noturnas, não só na capital como também no interior, destinada a atender aos que trabalhavam.

³ Segundo levantamento feito por Carvalho Neto (2004) o primeiro jornal produzido por estudantes em Sergipe foi O Porvir. Jornal literário e recreativo, pertencente a Associação de Estudantes do Atheneu Sergipense com circulação aos domingos. Teve como redatores Eutychio Novaes, Manoel Alves Machado, Baltazar Góes, Juvêncio de Siqueira, Felisbelo Freire, Amâncio Bezerra, Ramalho Silva e Felix

Barreto. CARVALHO NETO, Pedro da Mota. **Imprensa Estudantil Sergipana (1874-2003)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. 2004 (Monografia de Graduação em História).

⁴ Ante a ausência de cursos superiores, os sergipanos continuavam a emigrar procurando-os em outros Estados, predominantemente a Bahia pela proximidade em que se encontrava, nas Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia e na Escola Politécnica. Essas primeiras décadas do século XX são marcadas pela influência cultural da Bahia na formação sergipana, que se estenderá até os começos de 1950, quando são fundadas Faculdades locais, inicialmente Ciências Econômicas, Química, Direito e Filosofia e posteriormente, Serviço Social e Medicina (NUNES, 1984, p.234).

⁵ O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (...) O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado (Bourdieu, 1998, p.67).

⁶ Criada em 1923, pelo Presidente Graccho Cardoso: a Escola de Comércio Conselheiro Orlando, que funcionou até a década de 1970, quando foi extinta e seu principal curso, o de Técnico em Contabilidade, foi incorporado ao Colégio Tobias Barreto, que pertenceu a rede privada e foi adquirido pelo Estado, durante o segundo governo de José Rollemberg Leite (1975-1979) (CORREIO DE ARACAJU, 2006, p.6).

⁷ A imprensa possibilitou a criação de um mercado de livros, antes inexistente. Antes dela os sergipanos viam-se impelidos a publicar seus textos em tipografias e editoras da corte e de outras províncias. Porém, o surgimento das oficinas tipográficas, responsáveis pela edição dos periódicos locais, facultou aos homens de letras de Sergipe publicar seus livros na terra natal. No entanto, o número de obras publicadas fora do estado ainda excedeu aqueles editados em Sergipe (SOUZA, 2001, p.39).

Fontes:

A COLMEIA, 13 de Junho de 1909, nº 20, Anno I, p.1

Brício Cardoso. In: **O NECYDALUS**. Aracaju, 5 de junho de 1909, nº1, Anno I, p.1

Cadastro de Ord. Maçônica do Brasil

Clodomir de Souza e Silva. In: Estado de Sergipe. Aracaju, Domingo, 17 de Março de 1918, p.2

CORREIO DE ARACAJU, 2006, p.6.

CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 24 de Março de 1911, p.2

CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 14 de julho de 1922, p.2

CORREIO DE ARACAJU. Aracaju. 28 de Agosto de 1910, p.1

O ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 5 de maio de 1917, p.1

Orlando Flôres. In: **O NECYDALUS**, Aracaju, 05 de Junho de 1910, nº32, AnnoII, p.3

O NECYDALUS, Aracaju, 22 de Julho de 1910, nº39, Anno II, p.1

O NECYDALUS. Aracaju. 25 de Agosto de 1910, nº43, Anno II, p.1

O NECYDALUS, Aracaju, 21 de Setembro de 1910, nº47, Anno II, p.1

Nédio. In: **O NECYDALUS**, Aracaju, 27 de Junho de 1909, nº4, Anno I, p.1

Provisão de Advogado de Clodomir de Souza e Silva em 1918.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Eva Maria Siqueira. A Congregação do Atheneu Sergipense: das ações pedagógicas aos acirrados debates. In: **Revista do Mestrado em Educação**. Publicação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. – Vol. 12, (2006). – São Cristóvão: UFS/NPGED. Jan./Jun.p.59-72.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos: 1870- 1908. Tese (Doutorado). Programa de Estudos. Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades Sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CARVALHO NETO, Pedro da Mota. **Imprensa Estudantil Sergipana (1874-2003)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. 2004 (Monografia de Graduação em História).

Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

MARTINS, Ana Luiza. **Revista em Revista**: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo. Companhia das Letras. p.69-291, 2001.

NUNES, Maria Thetis – **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Revista de Aracaju, Aracaju: FUNCAJU, – v.1, n.1, 2003, p.279.

SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe (1820-1920)**. São Paulo: Seção de obras de O Estado de São Paulo, 1920.

SOUZA, Cristiane Vitério de. **A República das letras em Sergipe (1889-1930)**. São Cristóvão, 2001. Monografia (Graduação em História).

TIERNO, João Cayolla. **Dicionário zoológico**. Contendo por ordem directa e inversa, todos os termos registrados nos dicionários mais correntes da língua portuguesa. Edição da Tertúlia Edípica. Grupo Charadístico da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, 1954.